

**UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE SERVIÇO SOCIAL**

Luana Talita Lopes

**EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO EM SERVIÇO SOCIAL NO “GRUPO FEMININO DE
CONVIVÊNCIA DO BAIRRO MENINO DEUS” DE SANTA CRUZ DO SUL - RS**

Santa Cruz do Sul
2020

Luana Talita Lopes

**EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO EM SERVIÇO SOCIAL NO “GRUPO FEMININO
DE CONVIVÊNCIA DO BAIRRO MENINO DEUS” DE SANTA CRUZ DO SUL
- RS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Serviço Social
da Universidade de Santa Cruz do Sul
como requisito parcial para a obtenção do
título de Bacharel em Serviço Social.

Orientadora: Prof.^a Dra. Eunice Maria Viccari.

Santa Cruz do Sul
2020

Luana Talita Lopes

EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO EM SERVIÇO SOCIAL NO “GRUPO FEMININO DE CONVIVÊNCIA DO BAIRRO MENINO DEUS” DE SANTA CRUZ DO SUL - RS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Serviço Social da Universidade de Santa Cruz do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Serviço Social.

Prof. Dra. Eunice Maria Viccari
Professora orientadora – UNISC

Prof. Dra. Marta Von Dentz
Professora Examinadora – UNISC

Prof. Me. Alba Regina Fagundes Zacharias
Professora Examinadora – UNISC

Dedico este trabalho de conclusão aos meus pais e minha família que sempre me apoiaram e trouxeram luz para a minha caminhada, para poder realizar este sonho, e pela alegria de podermos compartilhar este momento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos Orixás pelas bençãos sobre mim, me dando saúde, sabedoria e discernimento, que foi o que tanto pedi ao longo dessa jornada acadêmica. Através da minha fé no meu Orixá, esse trabalho de conclusão de curso seguiu um caminho de força e vitória, a eles toda a minha gratidão.

Agradeço aos meus pais, meu porto seguro, meu ninho para onde sempre posso voltar, sem eles eu não chegaria até aqui. Agradeço especialmente a minha mãe pela a sua paciência e a sua dedicação a mim, seus “puxões de orelha” me instruíram a seguir bons caminhos e a alcançar objetivos importantes na minha vida. Agradeço pelo seu amor incondicional e protetor dela sobre mim. Amo você!

Ao meu esposo Adoniran Oliveira e meus filhos Luis Augusto e Arthur, pela compreensão, paciência e o carinho de vocês comigo, sinto-me abençoada e feliz por ter vocês comigo nesse momento tão especial da minha vida. Não poderia deixar de agradecer também aos meus amigos, porque de alguma forma me ajudaram, seja através de um conselho, de um abraço ou de um sorriso. Minha eterna gratidão!

Agradeço a minha supervisora de campo Carla Berny, que além de orientadora se tornou uma grande amiga e conselheira que sempre me fez acreditar no meu pontencial. Agradeço a ela muito de coração, pelos materiais emprestados, pelas passagens de ônibus, pela parceria, pelos ensinamentos e pelo conhecimento teórico e prático que me foi repassado através do estágio e que se tornaram fundamentais para chegar até aqui.

Sou eternamente grata também, as minhas professoras que me orientaram durante o período de estágio curricular obrigatório, Simone Ritta dos Santos, Guiomar Silva e Eunice, Assistentes Sociais comprometidas e éticas, exemplos de profissionalismo e sabedoria. Agradeço a todos os professores que passei na graduação e a UNISC, pelas experiências vividas e pelo espaço, sem tudo isso nada seria possível.

E, por fim, eu só tenho de agradecer pela oportunidade de estar escrevendo esse Trabalho de Conclusão de Curso, e de estar hoje me tornando uma Assistente Social, minha felicidade é inexplicável, pois foi a profissão que me escolheu, e eu aceitei com o coração e com a alma.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso evidência uma análise centrada no processo coletivo de integrantes femininas que participaram de um grupo de convivência do Bairro Menino Deus. O acompanhamento do grupo ocorreu através da vivência de estágio curricular obrigatório durante o período de um ano e seis meses no município de Santa Cruz do Sul-RS. Nesse contexto, problematizou-se as dificuldades encontradas pela estagiária para a constituição do grupo de convivência das mulheres no bairro Menino Deus no período de agosto de 2013 a junho de 2015. A categoria central de análise para melhor entendimento desse tema foi processo grupal, importante para a estruturação do grupo. As hipóteses desenvolvidas para responder a esse problema, estão organizadas a partir de questões que foram o objetivo da prática de estágio, essas: dinâmicas de grupo, convivência e o sentido de pertencimento ao grupo, que demonstra o investimento enquanto aprendiz em serviço social.

Palavras-chave: Grupo de Convivência. Instrumentais técnico-operativo. Serviço Social.

ABSTRACT

This Course Conclusion Paper highlights an analysis centered on the collective process of female members who participated in a neighborhood group in Bairro Menino Deus. The monitoring of the group occurred through the experience of mandatory curricular internship during the period of one year and six months in the municipality of Santa Cruz do Sul-RS. In this context, the difficulties encountered by the intern in setting up the women's social group in the Menino Deus neighborhood from August 2013 to June 2015 were problematized. The central category of analysis for better understanding of this topic was a group process, an important one for structuring the group. The hypotheses developed to answer this problem, are organized based on questions that were the objective of the internship practice, these: group dynamics, coexistence and the sense of belonging to the group, which demonstrates the investment while learning in social work.

Keywords: Living Group. Technical-operative instruments. Social Service

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEPSS	Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social
AS	Assistente Social
CRESS	Conselho Regional de Serviço Social
LOAS	Lei Orgânica da Assistência Social
PNPM	Política Nacional das Mulheres
RS	Rio Grande do Sul
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
ULT	Universal Leaf Tabacos do Brasil
UNISC	Universidade de Santa Cruz Sul.

INTRODUÇÃO	10
PARTE I – PROJETO DA PESQUISA	12
1 PROBLEMÁTICA	12
1.1 Origem do problema de TCC	14
1.2 Fundamentação teórica.....	15
1.3 Hipóteses	16
1.4 Objetivos	17
1.4.1 Objetivo geral	17
1.4.2 Objetivos específicos	17
1.5 Revisão da literatura	17
2. METODOLOGIA	20
PARTE II – RESULTADOS DA ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS	25
CAPÍTULO I: O lócus do estágio	25
CAPÍTULO II: Resultados de análise da resistência e das dinâmicas de grupo.....	27
CAPÍTULO III: Breve histórico sobre o processo grupal.....	32
CAPÍTULO IV: A instrumentalidade do Serviço Social	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	41

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), tem como tema a ampliação do grupo feminino de convivência do bairro Menino Deus do município de Santa Cruz do Sul - RS, levando em conta que durante o processo de estágio curricular obrigatório descobriu-se a premência da reestruturação do grupo.

Dada a importância sobre esta temática, este trabalho de pesquisa, também significa um instrumento de aprendizado para a acadêmica Luana Talita Lopes, do Curso de Serviço Social da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), RS. Pois permitiu a acadêmica, realizar uma análise teórica sobre a instrumentalidade no campo de estágio curricular obrigatório, levando em consideração a teoria e prática como confluências.

Diante disso, foi analisado o reconhecimento das integrantes como grupo, enquanto um processo que percorreu dificuldades na efetivação do mesmo e na inserção da estagiária de Serviço Social no grupo. A dificuldade de adesão da estagiária de Serviço Social no grupo e integração de novos membros se constituiu numa premissa, que se caracterizou em resistências e dificuldades necessárias serem trabalhadas.

A pesquisa justificou-se em aprofundar o tema abordado, por se tratar de um assunto que é atual e que precisa ser estudado e discutido, percorrendo sobre a intervenção social no grupo, permitindo-se assim, ampliar o vínculo entre as participantes e compartilhar experiências, por meio de reflexão e reconhecimento das mesmas. Com isso, evidenciou-se a relevância e a importância de abordar o tema, após as observações realizadas durante campo de estágio dentro da instituição. Onde objetivou-se através de intervenção análises voltadas ao grupo de mulheres da comunidade, em escrever, desenvolver e avaliar o grupo de mulheres, por meio do acompanhamento do Serviço Social com esse grupo.

Nesse sentido, o conhecimento angariado neste trabalho de pesquisa, visa proporcionar um olhar diferente sobre a realidade social das participantes do grupo, é uma experiência apreciável de transformação. Além de possibilitar uma grande porta para o futuro como Assistente Social.

Desta forma, este trabalho pesquisa fundamentou-se em responder a seguinte problemática: Quais às dificuldades encontradas pela estagiária em Serviço Social, para a constituição do grupo de convivência das mulheres no Bairro Menino Deus/RS, no período de agosto de 2013 a junho de 2015? Assim, para o conhecimento amplo, desse trabalho de pesquisa, ele está dividido em duas partes:

A primeira contempla a origem do problema a ser desenvolvido, uma análise breve em relação ao campo de estágio realizado, fundamentação teórica sobre a categoria central de análise que aborda os grupos de mulheres, as hipóteses e os objetivos que transpuseram este trabalho de pesquisa, bem como a revisão de literatura e metodologia.

Já o segundo momento, discorre-se sobre reflexões a lócus do estágio, este que ocorreu no grupo feminino de convivência do Bairro Menino Deus que fica unificado com a Associação de Moradores Pólo Comunitário Menino Deus do Município de Santa Cruz do Sul RS, logo após seguimos com as hipóteses que foram analisadas e confirmadas ou refutadas. Permitindo desvendar o resultado empírico do processo de estágio em Serviço Social da autora, a partir das experiências em atuar junto a equipe e o grupo. E por fim, as considerações finais, que evidenciaram a relevância deste trabalho de pesquisa, como meio de ampliar a integração do grupo de feminino no período de um ano e seis meses de estágio a partir dos registros e acompanhamento e observações realizadas dentro da Associação de Moradores Polo comunitário Menino Deus e pela estagiária de Serviço Social.

PARTE I – PROJETO DA PESQUISA

1 PROBLEMÁTICA

1.1 Origem do problema de TCC

Considerando que a atuação do Serviço Social na comunidade se expressa através de um conjunto de procedimentos específicos. Ou seja, com a mediação do conhecimento, traduzido em uma série de ações e atividades realizadas dentro do grupo de convivência de mulheres do Bairro Menino Deus/RS

Desta forma, cabe destacar que atualmente não se pode produzir receitas preestabelecidas, principalmente porque no caso da atuação do profissional do Serviço Social junto à comunidade. Com isso, verifica-se que não basta o nosso querer de transformação, mas sim a compreensão e o despertar nos sujeitos a participação para criar estratégias de enfrentamento das problemáticas vivenciadas pela mesma.

A esse respeito cabe destacar que, de acordo com Conselho Regional de Serviço Social (2009), aponta que:

Uma das atividades bastante citada pelos profissionais refere-se ao desenvolvimento de trabalho socioeducativo em grupos, sob a denominação de “grupos socioeducativos” ou “reuniões socioeducativas”, inclusive sob outros procedimentos: oficinas e encontros entre usuários, famílias e segmentos específicos, cujos enunciados revelam estratégias dos profissionais para esse trabalho(CRESS-SP 9ª Região, 2009, p. 24).

Mediante a esta perspectiva, é importante destacar que, o campo de estágio na Associação de Moradores Polo comunitário Menino Deus, onde o estágio foi realizado, que capacitou e possibilitou a acadêmica Luana Talita Lopes, o desenvolvimento de postura crítica e reflexiva, constituindo-se em um momento único para sua formação profissional. Além disso, proporcionou a mesma um exercício na prática profissional, onde possibilitou entrar em contato com uma realidade concreta de grupo dentro da comunidade. Com isso, constituiu-se, portanto, a estudante de Serviço Social um espaço de extrema importância na intervenção social.

É importante destacar que, a intervenção social com o grupo na comunidade, essencialmente a mediação sociopedagógica, consiste numa função assumida como

necessária, podendo ser desempenhada por vários profissionais do social. Com isso, compreende-se que um “grupo supõe processos mais profundos, porque ela envolve oposição às descobertas que podem ser desagradáveis e, dando consciência ao indivíduo e ao grupo, pode levá-los à necessidade de opções novas”(RIBEIRO, 1981, p.35).

Nesse contexto, a intervenção social durante o período de estágio ocorreu por meio da troca entre os integrantes do grupo e a estagiária de Serviço Social, durante o processo grupal. Onde a estagiária visou identificar e verificar os riscos e vulnerabilidades produzidos pela desigualdade social e intervir nesta realidade dentro da instituição estagiada.

Reconheceu-se durante o processo de estágio, que as integrantes do grupo possuíam capacidades e competências, valores e experiências, os quais devem e foram valorizadas como importantes para a promoção e emancipação. Assim, diante dos dados observados, segue a baixo o histórico do grupo e coleta de dados onde foi realizado estágio.

Em 2010, foi criado um grupo de mulheres Voluntárias do bairro Menino Deus, com moradoras da comunidade acima de trinta e cinco anos. Estas como de costume, estavam sempre prontas para ajudar nas atividades pontuais que envolviam a ações da associação do bairro Menino Deus, como: confecção de ninhos de páscoa, presentes de natal e em outras atividades festivas.

No início de 2012 começaram a encontrar-se semanalmente com o objetivo de saírem de casa, pois se achavam ociosas, já que estavam aposentadas e com tempo livre. Juntaram-se entre sete mulheres e começaram a fazer trabalhos manuais regularidade. Assim, verificou-se na esfera comunitária, que esse grupo trata-se de uma associação de moradores do bairro Menino Deus de Santa Cruz do Sul, que atua no âmbito comunitário com os seguintes objetivos: Retirar crianças e jovens da rua, capacitar para o trabalho. Para responder a esses objetivos, foi construída uma sede para atividades comunitárias, com espaços para prática de esporte e lazer na comunidade e atividades de projetos sociais.

Já em 2013 o Grupo de Mulheres, passou a ter a finalidade de visar e trabalhar o autoconhecimento, fundamental para desenvolver sua autoestima com a condução de uma Assistente Social e uma estagiária. Assim, utilizando-se das observações e experiência profissional adquirida durante o campo de estágio, descrevo abaixo a rotina de estágio, onde:

No primeiro nível de estágio, realizou-se uma análise institucional como forma de aproximação, por meio de observações reflexões e a participação no campo de estágio. Onde a estagiária envolveu-se nas situações reais do cotidiano da comunidade. Assim, após as observações realizadas, optou-se por decidir com os outros profissionais da instituição, a constituição do grupo de mulheres que já se encontravam a Associação semanalmente, a elaboração de um projeto de intervenção como será destacado no segundo nível.

No segundo nível, foi executado o projeto de intervenção, por meio de uma nova estruturação e ampliação do ovo grupo. Onde a proposta de intervenção foi conhecer as diferenças entre as participantes, além de entender compreender e perceber a importância de um grupo de convivência, que já existia um constante e mútuo aprendizado.

É importante destacar, que todas as integrantes percebessem que ao participar de um grupo as diferenças entre as participantes, iriam existir mais que essas diversidades possibilitariam renovações de ideias e aprendizado. Desta forma, verificou-se que esses elementos foram de grande relevância para o desenvolvimento do grupo e importantíssimo para a convivência entre as mulheres, onde possibilitou a elas se apropriarem das atividades executadas pela Associação.

Observou-se durante estágio, que a Assistente Social da instituição, observava as atitudes desse grupo de mulheres, onde a convivência com o grupo, proporcionou a elas o convite para as mesmas se tornarem oficinairas, monitoras e trabalharem como as futuras novas integrantes do grupo de intervenção. Assim, possibilitando por meio dessa prática laboral, as mesmas exercitarem o exercício da solidariedade entre elas.

Contudo, é importante salientar que o campo de estágio durante esse processo, foi bastante sensível. Pois, ao iniciar o projeto com a Assistente Social, tivemos dificuldades com o grupo. Já que o grupo de mulheres no começo resistiram em aceitar uma nova profissional “estagiária”, pois, as mesmas nunca tiveram, tornando-se assim, para elas algo novo.

Sendo assim, a finalidade deste trabalho de pesquisa é problematizar as abordagens ocorridas durante o período de estágio, realizado pela estagiária de Serviço Social. Com isso, estabelecendo as diversas expressões da questão social apresentada pela Assistente Social, que veem exigindo respostas concretas, principalmente no que se refere ao grupo feminino de convivência. Para tanto, devido

aos acontecimentos presenciados pela autora deste TCC, levantou-se a seguinte problemática: Quais foram as dificuldades encontradas pela estagiária, para a constituição do grupo de convivência das mulheres no Bairro Menino Deus/RS, durante o período de agosto de 2013 a junho de 2015?

1.2 Fundamentação teórica da categoria central de análise: grupos

As políticas sociais brasileiras se apresentam hoje, como mecanismos compensatórios de enfrentamento da pobreza, embora a proposta seja desse enfrentamento. Nesse contexto, o Assistente Social sempre ocupou um lugar na execução das políticas sociais meio dos avanços da profissão, tem construído e aperfeiçoado instrumentos técnico-operativos para uma atuação mais competente voltada, para a conquista dos direitos e da cidadania da população.

Desta forma, verifica-se que o trabalho com grupos sempre esteve presente na atuação do Assistente Social, e atualmente veem sendo uma estratégia de intervenção. Ou seja, a profissão do Assistente Social, encontra-se cada vez que mais utilizada e repensada frente às demandas da população e às perspectivas que a comunidade espera.

Nesse contexto, faz-se necessário ressaltar que “o profissional tenha a disponibilidade e capacidade crítica e reflexiva para não se deixar influenciar por aspectos aparentemente relevantes, mas que não revelam, com clareza, a trama de relações inerentes à vivência de grupo” (GOMES, 1996, p. 33). Mediante a esta perspectiva, para conceituar grupo, e compreender o que é grupo? Verifica-se que:

Grupo é todo conjunto de pessoas ligadas entre si por constantes de tempo e espaço, e articuladas por sua mútua representação interna, que se propõe explícita ou implicitamente uma tarefa que constitui sua finalidade. Podemos dizer, então, que estrutura, função, coesão e finalidade, juntamente com o número determinado de integrantes, configuram a situação grupal, que tem seu modelo natural no grupo familiar (PICHÓN RIVIÈRE, 1982, apud PEREIRA, 2002, p. 284-285).

Em linhas gerais, compreende-se que a população que participa de Programas Sociais, nas quais a participação no grupo é uma exigência do programa, para recebimento de um benefício ou até mesmo aquela população que não demonstra interesse em reuniões de grupo. Ou seja, quando o objetivo é discutir a importância a participação e organização para a defesa de seus direitos.

Define e organiza os elementos essenciais imprescindíveis à execução da política de assistência social possibilitando a normatização dos padrões nos serviços, qualidade no atendimento, indicadores de avaliação e resultado, nomenclatura dos serviços e da rede sócio assistencial e, ainda, os eixos estruturantes e de subsistemas conforme aqui descritos [...] (BRASIL, 2004, p.33).

A esse respeito, nota-se que os grupos considerados enquanto categoria contribui para compreendermos as classes sociais em seu movimento, em sua dinamicidade. “Os grupos” colocam em relevo as múltiplas determinações presentes na produção histórica, ainda que sejam diferentes e desproporcionais em relação ao impacto sobre as vidas dos sujeitos. Ou seja, a determinação econômica, em última instância, não pode ser compreendida isoladamente, sem o conhecimento de outras variáveis presentes no processo histórico:

A abordagem grupal como um instrumento técnico-operativo do assistente social deve ser considerada “não somente em seus aspectos técnicos – referentes ao ‘fazer’ – mas também em suas implicações sócio-políticas da prática da qual ele potencializa as ações, viabilizando uma intervenção que tem uma direção social situada no movimento contraditório da sociedade” (TRINDADE, 2004, p. 39).

Assim, para se ter uma visão mais ampla, quando se refere as demandas da população, refere-se àquela é atendida pelo assistente social, como o desconhecimento dos direitos. Ou seja, buscar para acessá-los causando um cansaço ao percorrer várias instituições e profissionais para resolução.

Desta forma, o trabalho com grupos pode trazer resultados mais consistentes, a possibilidade de se vivenciar a cooperação, fortalecendo vínculos entre os membros. Além disso, pode ser também um caminho para a participação na defesa e conquista de direitos. Para tanto é fundamental que dentre vários outros aspectos, o profissional conheça e domine como se dá o processo grupal e não somente discuta temas de interesse do grupo.

1.3 Hipóteses

I. A dificuldade encontrada no grupo foi a **resistência** das mulheres na aceitação de um novo profissional não pertencente à comunidade. As mulheres apresentaram receio, pois não conheciam o trabalho da estagiária. Neste sentido, foi trabalhado **dinâmicas de grupo** para a integração com as mesmas como forma de

superação das resistências.

II. A dificuldade encontrada no grupo foi **criar vínculos** entre a estagiária de Serviço Social e as mulheres. Para estabelecer vínculo, a estagiária se valeu de abordagens coletivas através de diálogo com temas sobre o processo grupal.

III. As integrantes do grupo demonstravam dificuldade na inserção de novas integrantes, pois às diferenças sociais, culturais, econômicas criavam barreiras. Sempre que havia a possibilidade de ingresso de uma nova participante a estagiária trabalhar fazendo **entrevista individual** para entender essas diferenças.

buscou

1.4 Objetivos

1.4.1 Objetivo geral

Analisar as dificuldades encontradas pela estagiária para a constituição do grupo convivência de mulheres no bairro Menino Deus.

1.4.2 Objetivos específicos

- Compreender as resistências das mulheres ao trabalho da estagiária de Serviço Social;
- Compreender o estabelecimento de vínculo entre as mulheres com a estagiária de Serviço Social;
- Analisar a não aceitação novas participantes ao grupo.

1.5 Revisão de literatura

Dar-se-á início a revisão de literatura que vai se embasar no tema dessa pesquisa de TCC que é gênero, pois o grupo foi somente do gênero feminino com vulnerabilidade social onde algumas fazem parte da liderança do bairro, que se tornou um eixo principal entre o Serviço Social e a comunidade para a garantia dos direitos delas e da comunidade se tornaram porta vozes das problemáticas encontradas na

mesma.

O acesso de todas as pessoas aos direitos universais deve ser garantido com ações de caráter universal, mas também por ações específicas e afirmativas voltadas aos grupos historicamente discriminados. Tratar desigualmente os desiguais, buscando-se a justiça social, requer pleno reconhecimento das necessidades próprias dos diferentes grupos de mulheres (PLANO NACIONAL DE POLÍTICA DAS MULHERES, 2008 p.28).

O gênero feminino também assume um modo de existir flexível e adaptável ao mercado globalizado. Elas adquirem novos hábitos, novos valores, novos modelos e novas posturas, dentro dos grupos construídos, o convívio em grupo do gênero feminino se torna bastante fortalecido em cada fase da vida das mesmas e do mesmo do se torna vulnerável por serem diferentes em alguns sentidos e momentos vividos por elas, onde o grupo é trabalhado todas essas sensações com o gênero feminino.

Estudos de gênero têm tomado a mulher como objeto de pesquisa através da sua inserção social em diversas culturas e têm se caracterizado por transformações constantes, pois muitas mulheres têm atuado como protagonista nos papéis sociais que estavam restritos aos homens, por exemplo: o de provedor financeiro da vida familiar já é exercido pelas mulheres em muitas culturas (MORI;COELHO, 2004, p.187).

Onde acabam entrando na vulnerabilidade social, pois a condição financeira em muitos casos se engloba somente na mulher que as vezes sozinha ou separada ou viúva sem ter ganhos se tornando mais vulnerável.

Sempre que as precariedades do lugar e da situação vivida afetar pessoas, famílias ou grupos sociais produzindo sofrimento ético-político, caberá uma ação da política no sentido de possibilitar que a situação .Seja enfrentada num campo de responsabilidade pública e coletiva, porque estar protegido significa ter forças próprias ou de terceiros que impeçam que alguma agressão/precarização/privação venha a ocorrer, deteriorando uma dada condição (SPOSATI, 2007, p. 4).

“Existem imposições sociais que se constroem paralelamente às representações de gênero, tendo suas existências atreladas às contingências de seu tempo, histórica e culturalmente falando” (BUENO; JOSÉ FILHO, 2003, p.199)

A este respeito, Vitalle (2000, p.62), aponta que:

[...] um indicador sintético de vulnerabilidade social é a família, que tem como ponto de partida a definição das necessidades básicas: educação, renda e habitação. A interação do sujeito com os outros e com o meio, em certo

momento histórico, é responsável pela organização dos padrões interiores de conduta e das suas reações emocionais e racionais.

Sob esta perspectiva, cabe destacar que, a questão da subjetividade da mulher fundamenta-se em dois enfoques que visualizam a subjetividade: 1) ângulo socioeconômico; 2) ângulo corporal (compleição física da mulher). A vulnerabilidade numa sociedade está associada ao contexto do consumismo promovido pelo capitalismo.

Mello Filho (1988, p.87), enfatiza que “professa que cultura é o resultado final das atitudes, ideias e condutas compartilhadas e transmitidas pelos membros de uma determinada sociedade, juntamente com as invenções, os métodos de investigação do ambiente e o acúmulo de objetos manufaturados”. Assim, os modelos de corpo acompanham as mudanças significativas da história e da cultura, sendo orientados pelos interesses do sistema capitalista.

Desta forma, compreende-se que a subjetividade é resultado da interação do indivíduo com as influências sócio-culturais, modelada de acordo com os comportamentos, valores e sistemas econômicos e políticos de cada sociedade. A mulher também assume um modo de existir flexível e adaptável ao mercado globalizado. Ela adquire novos hábitos, novos valores, novos modelos e novas posturas.

Mediante a esta perspectiva, Vitalle (2000,p.50) afirma que:

A mulher chefe de família, enfrenta jornadas árduas de trabalho extra e intrafamiliar. O desafio da conciliação entre o trabalho e sua vida familiar, está presente em depoimentos reveladores da dificuldade da mulher/mãe e provedora do sustento da família e de uma participação mais efetiva junto a seus filhos e ao ambiente familiar.

Dessa forma, nota-se que a vulnerabilidade, a fragilidade financeira e educacional incrementa a dificuldade econômico-social, dificultando sua participação na vida familiar. As relações afetivas na família se expressam como um fator aglutinador que promovem uma relação de troca contínua, respeitosa e afetuosa dos filhos com suas mães e destas para com aqueles.

As mulheres conseguem dedicar-se aos filhos, fortalecendo o ambiente familiar. Da mesma forma, nota-se que elas incentivam a auto superação dos entraves financeiros, principalmente, causados pela não partilha das despesas familiares. Com isso, o diálogo e as relações “transparentes” são utilizados na formação da prole na

família para viverem e atuarem na sociedade.

2 METODOLOGIA

Para realização deste trabalho de pesquisa utilizou-se a pesquisa qualitativa, considerando ser esta importante para compreender as subjetividades dos entrevistados acerca de suas participações no grupo de convivência de mulheres do Bairro Menino Deus. Segundo Chizzotti (1995, p.11), “a pesquisa investiga o mundo em que o homem vive e o próprio homem”. Contudo, a pesquisa só existe com o apoio de procedimentos metodológicos adequados, que permitam a aproximação ao objeto de estudo.

A utilização da pesquisa qualitativa para coletar os dados, e análise do campo de estágio, visou privilegiar o aprofundamento da compreensão de um grupo social e formas de funcionamento. Desta forma, a pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais.

A este respeito, Minayo (2001, p.13), esclarece que, a pesquisa qualitativa permite trabalhar com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Desta forma, os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. Assim, “os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa (GOLDENBERG, 1997, p. 34).

Em suma, este trabalho de pesquisa, utilizou-se por meio do material de estágio curricular obrigatório, construído pela autora desta pesquisa, tendo em vista que o objetivo do trabalho é analisar sua prática de estágio, explicando-a. Os documentos em questão foram os diários de campo, bem como os relatórios descritivos processuais e os relatórios finais de estágio especialmente dos níveis II, III e IV. Assim, o desenvolvimento deste trabalho de pesquisa ocorreu, associado aos seguintes procedimentos:

Entrevista individual com dose integrantes do grupo. Adotou-se entrevista que considerou ser um instrumento que possibilitou a estagiária exercitar um processo interventivo e investigativo, uma característica do trabalho do assistente social.

De acordo com Salvador (1980, apud RIBEIRO, 2008,p.135)“a entrevista tornou-se, nos últimos anos, um instrumento do qual se servem constantemente, e com maior profundidade, os pesquisadores das áreas das ciências sociais”. Sendo assim, a entrevista ocorreu por meio da coleta de obter dados que não podem ser encontrados em registros e fontes documentais, podendo estes serem fornecidos por determinadas pessoas, ou para completar os dados documentais.

Segundo Bauer e Gaskel(2000,p.31) “a compreensão em maior profundidade oferecida pela entrevista qualitativa pode fornecer informação contextual valiosa para explicar alguns achados específicos”. Com isso, a entrevista desempenhou um papel vital, para um a investigação se combinada com outros métodos de coleta de dados, intuições e percepções provindas dela, podem melhorar a qualidade de um levantamento e de sua interpretação.

Para Gil (1999,p.51):

A entrevista é seguramente a mais flexível de todas as técnicas de coleta de dados de que dispõem as ciências sociais. Para compreender a importância da utilização da técnica da entrevista em um trabalho científico é necessário compreender algumas vantagens desta técnica frente a outras formas e procedimentos para obtenção de informação, assim como apontar algumas desvantagens ou limitações da sua utilização.

Desta forma, para realizar a entrevista adotou-se questionário composto por quatro perguntas abertas que possibilitou adensar a sistematização, o aprendizado do processo de desenvolvimento do processo grupal. As perguntas abertas possibilitaram que as integrantes se expressassem livremente, sobre suas participações no grupo. Algumas integrantes do grupo responderam sozinhas, enquanto outras solicitaram auxílio para interpretar as perguntas.

A observação, foi uma das técnicas utilizada para execução do trabalho do assistente social, também acompanhou a realização das entrevistas e durante todo o processo de acompanhamento do grupo.

A esse respeito, Danna (1986 p.25), aponta que:

A observação bem como nos revela a própria denominação, caracteriza-se por ser uma ação minuciosamente planejada, com vista a atender critérios preestabelecidos. Assim, cabe ao pesquisador se manter o mais objetivo possível, eliminando por completo sua influência sobre os fenômenos em estudo e se limitando a somente

descrever informações precisas acerca do fato em questão.

Cabe ressaltar que, mediante a tais aspectos, fez-se necessário, um plano previamente elaborado, que forneceu os subsídios necessários para a pesquisa, cuja natureza se manifesta por um aspecto iminentemente exploratório. O profissional de Serviço Social se envolveu com a elaboração teórica, passando a pesquisa a integrar, a dimensão prática da profissão passando a ser um elemento essencial na formação (teórico- metodológico) profissional.

De acordo com Soares,1996,p.21 “nesse contexto a investigação científica constitui uma dimensão da prática e uma exigência fundamental para a construção de um corpo teórico-metodológico que vem atender as novas exigências da atuação profissional”. Também utilizou-se de pesquisa documental realizada nos materiais de campo de estágio e diários de campo, análise institucional, projeto de intervenção e na avaliação do projeto.

“A análise documental constitui-se em uma técnica importante na pesquisa qualitativa, seja complementando informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema”(LÜDKE e ANDRÉ,1986,p.75) A pesquisa documental é cada vez mais necessária e sua transversalidade precisa ser garantida na formação do assistente social.

Conforme as Diretrizes da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS,1996,p.12) destaca que, “está transversalidade deveria ser garantida na formação do conjunto das áreas humano-sociais para que sua contribuição fosse potencializada a partir de uma produção de conhecimentos compromissada com a construção de novos patamares de sociabilidade”. Mediante a esta perspectiva, cabe destacar que se elaborou um plano trabalho sem direção definida, sem finalidade clara, sob pena de nos perdermos no caminho, de não chegarmos a lugar nenhum. Do mesmo modo, e como uma estratégia de leitura e intervenção, a pesquisa também necessitou de planejamento, como:

A amplitude da análise de conteúdo faz dela uma ferramenta flexível e vasta, que pode ser usada como uma metodologia ou uma técnica para um problema específico (COOPER e SCHINDLER,2003, p.19). Pode ser usada tanto com dados quantitativos como qualitativos (COLLINS e HUSSEY apud HARWOOD e GARRY, 2003, p.22)

Conforme Gil (2008, p.23), a investigação que se propôs visou identificar

fatores que determinam ou que contribuem para que os fenômenos aconteçam. É o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade social porque explica a razão das coisas acontecerem.

Após a pesquisa foi realizado a análise de dados onde consistiu na técnica de tratamento dos dados coletados na pesquisa qualitativa. Assim sendo, a pesquisa se utilizou do material de estágio construído pela autora, tendo em vista que o objetivo do trabalho foi analisar sua prática de estágio, explicando-a com centralidade no processo de trabalho realizado junto ao grupo feminino de convivência.

De acordo com Richardson (1999, p.31), os estudos que empregam uma metodologia qualitativa pode descrever a complexidade de determinado problema, analisando a interação de certas variáveis, assim como compreender e classificar processos dinâmicos vivenciados dentro do grupo. As técnicas qualitativas focaram a experiência das participantes e seus respectivos significado em relação as atividades realizadas, processos e estruturas inseridos em cenários grupais.

O enfoque qualitativo caracterizou-se pelo fato do pesquisador ser o instrumento-chave, o ambiente ser considerado fonte direta dos dados e não requerer o uso de técnicas e métodos estatísticos (GODOY, 1995, p.35). Também possui caráter descritivo, cujo foco não consiste na abordagem, mas sim no processo e seu significado, ou seja, o principal objetivo é a interpretação do fenômeno objeto de estudo (SILVA; MENEZES, p.23, 2005).

Sua finalidade foi colocar o pesquisador em contato com o que já foi produzido durante o estágio de Serviço Social e que se registrou a respeito do material realizado. Tais vantagens revelam o compromisso da qualidade da pesquisa. Assim, o resultado da sistematização mencionada foi objeto de estruturação e desenvolvimento das hipóteses elaboradas para este trabalho que, permitiu o levantamento da pesquisa referentes ao tema do de trabalho de conclusão do curso de Serviço Social, a pesquisa bibliográfica nos materiais do campo de estágio permitiu ainda o aprofundamento teórico que norteou a pesquisa para o trabalho de conclusão de curso. Assim fecha-se o processo de análise de conteúdo, lembrando que embora essas três fases foram seguidas, houve variações na maneira de que foi conduzidas.

PARTE II – RESULTADOS E ANÁLISES DOS DADOS

CAPÍTULO I: O Lócus do Estágio

Neste capítulo será realizado um breve histórico sobre o contexto no qual se insere o grupo de convivência mulheres do Bairro Menino Deus vinculado a Associação dos Moradores Polo Comunitário Menino Deus. Trata-se de uma associação que atua no âmbito comunitário com os objetivos de retirar crianças e jovens da rua, capacitar moradores para inserção no mercado de trabalho e espaços para a prática de esporte e lazer.

A Associação Polo Comunitário Menino Deus executava o Programa Universal Leaf Cidadão, ao qual estava vinculado o grupo de convivência de mulheres. O Programa foi criado e financiado pela empresa Universal Leaf Tabacos do Brasil do ramo fumageiro.

A empresa envolveu-se no Programa Universal Leaf Cidadão tendo sido a principal gestora e mantenedora até a transferência da gestão para a Associação de Moradores do Bairro Menino Deus, uma vez que emprega grande número de moradores do bairro. A assistente social da Universal Leaf Tabacos do Brasil participou desde o início da elaboração da proposta e permaneceu na coordenação do programa durante todo o período que o estágio foi realizado. Esta profissional teve como atribuições nas reuniões dos gestores comunitários¹, assessorou a gestão administrativa e executiva do programa Universal Leaf Cidadão prestou assistência aos diversos parceiros² que desenvolveram atividades no local, visando garantir a sintonia entre os envolvidos no programa.

A partir da gestão assumida pela Associação, a mesma passou a gerir o programa em parceria com a empresa Universal Leaf Tabacos do Brasil e Prefeitura Municipal de Santa Cruz do Sul. O programa passou por quatro fases desde sua implantação: construção participativa do plano de atuação local; execução do plano; formação do conselho da gestão comunitária e a transferência da gestão para comunidade.

¹ Presidente do Bairro Menino Deus, lideranças do bairro, corpo diretivo da Associação de Moradores Polo Comunitário Menino Deus.

² Escolas e empresas privadas do município de Santa Cruz do Sul.

A comunidade local (representantes da associação e moradores do bairro), participou diretamente de todas as fases do programa com objetivo de conquistar aprendizados e experiências que possibilitaram continuar desenvolvimento da gestão social, que acontece nos dias de hoje na associação. Assim, para melhor funcionamento da perspectiva social devemos desenvolver democracia e o compromisso com a comunidade e com os cidadãos envolvidos de forma participativa, principalmente, assegurar, por meio das políticas e programas públicos, o acesso efetivo tanto aos bens como serviços, para isso contamos com estratégias para a realização da mesma.

A esse respeito, segundo Calanz e França (2006, p. 38), apontam que:

Sabemos que a discussão sobre Gestão Social ainda é muito recente. Ainda pensamos que a organização da sociedade civil é apenas um motivo para desresponsabilizar o Estado, o que, se analisarmos a fundo, não é a mais a pura verdade, pois uma sociedade civil organizada tem muito mais força para reivindicar seus direitos e cobrar do poder público. Vivemos em uma sociedade com grandes simplificações, ora muito neoliberal, ora estatista demais. Uma dessas estratégias é o de parcerias com do Estado com organizações não governamentais e empresas privadas. Porém, essas parcerias são diferenciadas. O setor privado deve ultrapassar o assistencialismo e o marketing social e assumiu efetivamente responsabilidades com a comunidade.

Desta forma, compreende-se que um sistema de gestão social prevê a formação de redes comunitárias e a viabilização de projetos que promovam estratégias e ações de combate à pobreza. Ou seja, o desenvolvimento humano e social no Bairro Menino Deus que se encontra em vulnerabilidade social.

A realidade estas vividas no bairro as mulheres se reuniam semanalmente na Associação como voluntárias prestando auxílio nas atividades do programa. Com o tempo as mulheres foram se identificando como um grupo de convivência, num dia da semana se envolviam com as atividades da Associação; outro dia elas realizavam artesanatos, conversas, lanchavam juntas e realizavam rodas de conversa o que constitui-se de meio para o convívio social.

O programa teve o objetivo de fortalecer a cidadania de crianças e adolescentes, estudantes da rede pública, por meio de ações direcionadas à educação, cultura, esporte, lazer e assistência social. Durante o ano escolar, crianças e adolescentes são recebidos em oficinas de judô, música, inclusão digital, artes, esportes ao ar livre, recreação, cultura e dança gaúcha e o projeto Pirâmide Alimentar.

Assim, as atividades visam o desenvolvimento intelectual, físico e social e de

retirar jovens e adolescentes das ruas com intuito de inseri-los em atividades descritas acima. Desta forma, o diferencial do programa possibilitou o aprendizado do idioma inglês por meio de método inovador e com professores estrangeiros.

É importante destacar que o programa agregou melhorias para qualidade de vida das cerca de 700 famílias que vivem no Bairro Menino Deus, em Santa Cruz do Sul. Por meio da formação de redes comunitárias, são promovidas estratégias e ações de desenvolvimento humano, social, cultural, intelectual e profissional dos envolvidos. São colocados em prática projetos direcionados à educação, cultura, cidadania, saúde, esportes e oficinas profissionalizantes. Foi se envolvendo neste programa que as mulheres se constituíram como grupo de convivência e por onde enquanto estagiária foi realizado o acompanhamento durante o estágio.

Nos dias de hoje o programa Universal Leaf Cidadão continua sendo coordenado autonomamente pela Associação de Moradores Polo comunitário Menino Deus, com algumas mudanças de gestão e a saída da assistente social, o grupo feminino de convivência, se reúnem em outro local do bairro não fixo.

CAPÍTULO II: Resultados de Análise da Resistência e das Dinâmicas de Grupo

Neste capítulo será descrito e analisada uma das hipóteses definidas quando da elaboração do projeto que originou este trabalho de conclusão de curso. Durante o processo de estágio escolheu-se como uma hipótese: “A dificuldade encontrada no grupo foi a **resistência** das mulheres na aceitação de um novo profissional/estagiária não pertencente à comunidade. As mulheres apresentaram receio, pois não conheciam o trabalho da estagiária. Neste sentido, foi trabalhado **dinâmicas de grupo** para a integração com as mesmas como forma de superação das resistências”.

Assim, quando falamos em resistência a partir do que foi apreendido no grupo quanto a inserção de um novo participante entende-se segundo Ribeiro (1994, p. 19):

As resistências estão diretamente ligadas a três processos de contato que mantêm o grupo dentro de um equilíbrio estável: estamos falando de mudança paradoxal, de ajustamento criativo e de auto-regulação orgânica, processos pelos quais as pessoas no grupo se transformam em pessoas do grupo, sendo que a sensação de pertencer é o elo que constitui e motiva realmente o grupo a evoluir.

Mediante a esta perspectiva, verificou-se que a resistência está relacionada à

experiência vivida da deslocalização social. Essa deslocalização diz respeito, a experiências como a dificuldade de inserção profissional ou, ainda, à perda de uma referência profissional dentro de tal instituição bem como de um familiar ou amigo querido. Trata-se de experiências tipicamente dolorosas, o que, por sua vez, produzem em quem as vivências as tras sensações de estar deslocado. Tem-se aqui a sensação de estar vivendo uma situação de perda social em relação a uma situação estabelecida.

Nesse sentido, Paugam (2003, p.34), enfatiza que, “uma situação continuada de fragilidade pode conduzir à fase da resistência”. Dado ao exposto, nota-se que conhecer o processo interno da resistência grupal foi perceber a estrutura interna em que ela se funda, foi conhecer os caminhos que as motivações internas que percorreram até se transformar em resistência. Sob este aspecto, vale ressaltar que durante o caminho as participantes do grupo tiveram muitas perdas de amigos, marido, filhos, entes queridos, se encontravam com dificuldades de superar os mesmos, criando assim a resistência em aceitar novos participantes, com o medo de criar vínculo e perder novamente.

“Maria sempre que tínhamos novas amigas ou vizinha de uma de nós ,elas não se adaptavam com nosso jeito e não voltava mais, por que não sabiam tricotar ou fazer crochê, isso sempre trouxe frustração para a gente desde que começamos a nos encontrar aqui no polo sempre queríamos trazer mais mulheres e nunca conseguimos “ (FERNANDA).³

Partindo desse pressuposto, compreende-se que não se trata, de lidar com a resistência em si, mas com o processo ou elementos que ela contém. Ou seja, não se trata de, simplesmente, destruí-la ou modificá-la, mas entender suas razões, pois a resistência tem uma função protetora e equilibradora dentro de um grupo.

“Por que você está aqui! se você veio tomar o lugar da C.D.B daremos um jeito em te tirar daqui nosso grupo é fechado e não aceitamos que ninguém ocupe o lugar dela” (JOANA).

Assim, para quebrar a resistência entre as mulheres e a estagiária, foi usada uma estratégia de aproximação com a apresentação da proposta de estágio. Com isso, proporcionou um espaço de reflexão e debate sobre a importância do grupo para

³Os nomes aqui mencionados são todos fictícios para preservar a identidade das participantes do grupo.

as mulheres e a transformação de resistência em convivência para ocorrer esta mudança a estagiária trabalhou com dinâmica de grupo, que proporcionou um início de aceitação.

A dinâmica de grupo significou criar um espaço alternativo, em que desconfianças, temores e conflitos foram aceitos e trabalhados, mediante experiências reconstrutivas. Assim, em termos de tarefas e processos que minimizou as ameaças e desenvolveram formas de interação compatíveis com uma ampliação do grupo.

Em suma vale ressaltar que a expressão dinâmica de grupo tem servido a uma série de interpretações distintas, que segundo Banny e Johnson (1975, p.49), apontam ela como:

Sentido amplo, a expressão dinâmica de grupo não limita seu significado apenas ao campo de investigação dirigida no sentido de progredir no conhecimento da vida do grupo; também se refere a uma série de premissas valorativas, a uma série de objetivos de educação e a um conjunto de procedimentos mediante os quais possa ser mantida a ordem no grupo, para a obtenção do sucesso desses objetivos.

Assim, levando em consideração a citação a cima, cabe destacar que durante o processo de estágio, foi primordial a dinâmica de grupo, para a integração da estagiária com as participantes, pois puderam entender os objetivos que a mesma trouxe para o grupo. A dinâmica foi realizada em duas etapas uma de apresentação pessoal de cada participante, e outra, de perspectivas esperadas dentro do grupo.

A primeira dinâmica de apresentação chamada de “quebra-gelo” onde a estagiária jogou uma bolinha aleatoriamente para uma participante e esta fez sua apresentação em até um minuto dizendo nome, uma habilidade manual e uma qualidade. Cada participante que se apresentava jogava a bolinha para outra, assim, quando a última se apresentou, foi solicitado que devolvesse a bolinha para a primeira pessoa que iniciou o processo de realização da dinâmica. Desta forma, esta tarefa, ajudou na memorização das participantes e os fez lembrar o quanto é importante prestar atenção nas pessoas a sua volta.

“Nunca tinha prestado atenção que cada uma de nós faz um artesanato diferente, isso é importante ver a diferença de cada mulher” (TERESA).

Na segunda etapa da dinâmica realizou-se uma tarefa, em que elas (as

participantes) ajudaram a montar um cronograma para o primeiro semestre do ano com atividades que gostariam de realizar dentro do grupo e confeccionaram um cartaz para deixar exposto. A atividade possibilitou uma interação com as participantes, pois algumas não eram alfabetizadas e pediram ajuda umas as outras e todas participaram das atividades, ao término da atividade, apresentou-se algumas reflexões sobre aceitação e diferenças.

Com base neste pressuposto em relação as diferenças, Queiroz (1887, p.28), enfatiza que:

São as diferenças que nos tornam especiais. Por isso, não as odeie, aprenda a respeitá-las. Não tenha medo de pensar diferente dos outros, tenha medo de pensar igual e descobrir que todos estão errados. Precisamos aprender a conviver uns com os outros, aceitando as diferenças e aprendendo a amar todo mundo da mesma maneira.

Nessa mesma linha de raciocínio, Cury (2000, p.90), esclarece que as diferenças são compreendidas como “a capacidade de se colocar no lugar do outro é uma das funções mais importantes da inteligência. Demonstra o grau de maturidade do ser humano.” A partir destas perspectivas, em reflexão no grupo, possibilitou pensar sobre a aceitação de novos participantes, como se sentiam realizando a atividade no coletivo e o que poderiam mudar no do grupo e dentro de si mesmas.

“Nunca pensei que o grupo fosse tão importante e que como é legal ter mais colegas junto com a gente, desculpa Maria por achar que você tomaria o lugar da C.D.B, pode ficar com nós será bem-vinda” (CLAUDIA).

“Vai ser bem legal ter você aqui conosco, pensei que estavam enganando a gente e que realmente a C.D.B iria embora e você ficaria no lugar dela” (BERNADETE).

Em linhas gerais, pode-se afirmar que confiança adquirida entre as participantes do grupo mostrou-se um ponto forte para o início do estabelecimento de vínculo que surgiu durante os encontros de grupo. A partir do trecho descrito acima é possível perceber uma formação de vínculo e empatia entre por novos integrantes no grupo, sendo este importante para a compreensão do cronograma que as mesmas confeccionaram, pois as participantes aceitaram o que foi explicado para cada atividade e também se sentiram à vontade para perguntar como seria os próximos encontros.

Desta forma, o entendimento diante da capacidade do grupo, a interação entre

os membros, as estratégias utilizadas pela estagiária, e o comportamento individual de cada membro em relação as tarefas realizadas e a flexibilidade diante do processo vivenciado, auxiliou de maneira imprescindível no modo em que cada participante aceitou os novos membros dentro do processo de evolução do grupo.

“Gostei da ideia de darmos aulas de artesanato para quem não sabe, sei fazer tricô com a mão esquerda e posso ensinar quem não sabe, pois é difícil um canhoto aprender com um destro” (ANA MARIA).

Assim, vale destacar que as dinâmicas proporcionaram uma oportunidade para refletir sobre a temática mais adequada para trabalhar com as mulheres, sujeitos da intervenção do estágio. Foram momentos de aprendizagem os quais possibilitou exercício de planejamento, da execução e da avaliação juntamente com elas. Da mesma forma, oportunizou a participar ativamente para conhecer o cotidiano das mulheres no bairro identificando a realidade das mesmas vividas. Busquei ouvi-las e observá-las com mais atenção, utilizando-me dos instrumentos do Serviço Social (observação participante).

Conforme Sousa (2008, p. 89) na definição clássica, a observação, aponta que é o uso dos sentidos humanos (visão, audição, tato, olfato e paladar) para o conhecimento da realidade, mas não um uso ingênuo e sim, um uso que tem como objetivo para produzir um conhecimento sobre a realidade – tem-se um objetivo a alcançar”. Sob esta perspectiva, procurou-se deixar o tempo a favor das falas das mulheres, em alguns momentos coloquei experiências pessoais, sobre temas escolhidos naquele momento.

“Meninas não sei tricotar, participei de um grupo onde somente eu não sabia e as mulheres não queria que eu ficasse, mas não desisti de frequentar “(MARIA).

Deste modo, pode-se verificar e perceber uma maior segurança no grupo, quando se relatou situações de resistência vivenciadas, fortalecendo a confiabilidade entre as integrantes, que perceberam ser importante seu exercício de crescimento pessoal e comunitário. E a partir desse processo, abriu espaço de diálogo com as integrantes do grupo, ressaltando assim que essa hipótese se confirmou, pois, através do desenvolvimento do processo grupal, foi possível perceber indícios de fortalecimento dos vínculos e adesão de novos participantes por parte das mais antigas do grupo. Através dos encontros estimulou a subjetividade, a estima social, a

participação, o diálogo, a confiança e o aprendizado entre elas e a estagiária.

Dessa forma, fazer este movimento de percepção, reflexão e ação é o que caracterizou no exercício de uma ação profissional comprometida com a transformação social no grupo e superação do status quo. É baseada nessa ideia que penso que, de fato, é possível desenvolver um trabalho que vise a transformação, que enfrente com firmeza as resistências cotidianas.

CAPÍTULO III: Breve Histórico Sobre Processo Grupal

Neste capítulo será desenvolvida a argumentação relativa a análise da segunda hipótese definida na elaboração do projeto que originou este trabalho de conclusão de curso. Durante o processo de estágio escolheu-se a segunda hipótese: “A dificuldade encontrada no grupo foi **criar vínculos** entre a estagiária de Serviço Social e as mulheres. Para estabelecer vínculo, a estagiária se valeu de abordagens coletivas através de diálogo com temas sobre o processo grupal.”

Um grupo quando recebe novos participantes comumente ficava, receoso em estabelecer vínculo, principalmente com a estagiária, denominada pelas integrantes “novo profissional”. Neste contexto foi desenvolvidas atividades, valendo-se abordagens coletivas.

Assim, no que tange ao processo de caráter grupal podemos verificar em Trindade (1999, p.288), o seguinte entendimento:

Os processos de caráter grupal são aqueles que envolvem o atendimento dos usuários em agrupamentos organizados pelos assistentes sociais, geralmente tomando como critério a existência de situações comuns, que implicam necessidades comuns. Os grupos assumem características bem diferenciadas e o seu desenvolvimento faz parte de um esforço profissional voltado à ampliação das possibilidades de compreensão e reflexão dos usuários, através da convivência entre pessoas que possuem necessidades e situações de vida semelhantes.

A abordagem grupal para Baró, Vileirine (2016,p.146) compreende o grupo a partir da criação de vínculos de segurança e confiança, ou seja, teremos um grupo quando seus membros possuírem relações estabelecidas entre si, que os mobilizem para interagir e solidarizar-se uns com os outros, tanto para interesses individuais quanto coletivos.

Desta forma, as relações construídas favorecem uma criação de novos vínculos estabelecidos, que podem ser definidos de forma mais autônoma, a partir do seu

pertencimento no grupo. A esse respeito, Paugam (2013), aponta que é denominado vínculo de participação eletiva, como:

O vínculo de participação eletiva refere-se a socialização de amigades, durante o qual o indivíduo entra em contato com outros indivíduos conhecidos no âmbito do grupo. Os lugares dessa socialização são numerosos; a vizinhança, os grupos de amigos, as comunidades locais, as instituições religiosas, culturais e etc. ao longo dessas aprendizagens sociais, o indivíduo é coagido pela necessidade de se integrar, mas ao mesmo tempo é autônomo, na medida em que constrói ele próprio seu lugar de pertencimento partir da qual poderá afirmar sua personalidade sobre o olhar do outro (PAUGAM, 2013, p.323).

Diante a esta perspectiva, vale destacar que o grupo foi visto em sua totalidade no qual abriu uma ligação entre o grupo e a estagiária sendo que os interesses individuais de cada participante foram entrelaçados entre o grupo durante as atividades realizadas se tornando interesses coletivos. Nesse sentido, foi se estabelecendo vínculo entre todas integrantes e a estagiária, diminuindo o distanciamento. Constatou-se que se tornou um espaço de convivência e troca entre as mulheres que tinham em comum as situações de vulnerabilidade vividas nos seus cotidianos.

“Nunca fizemos outros trabalhos no grupo sem ser tricotar, ninhos de pascoa e você trouxe para a gente fazer nunca fizemos isso e não sabemos se vamos fazer” (ANA).

Assim, para estabelecer vínculos foi trabalhado no grupo a atividade de “reconhecimento do próximo” onde cada uma recebeu uma folha e dois lápis coloridos, inclusive a estagiária, e cada uma desenhou uma figura que representasse uma participante após isto foi recolhido para a próxima etapa da tarefa.

A estagiária apresentou os desenhos de forma aleatória e cada uma pegou um que a representasse. Todas falaram sobre a imagem que a representava, percebendo-se que ficaram surpresas com os relatos conforme segue abaixo.

Teresa ao pegar um dos desenhos verbalizou: “Peguei este novelo, pois eu gosto de trabalhar com lã e me sinto representada por ele”. Nesta verbalização, a participante também se percebeu enquanto detentora de uma habilidade manual que possui. Esta verbalização foi importante tanto para Teresa, quanto para as demais, no sentido de cada uma se mostrar no grupo. Também importante, na medida em que a estagiaria podia elogiá-la e assim criar um agenciador para estabelecer vínculo.

Janete, a participante que desenhou o novelo expressou “Eu desenhei o novelo para a Ana por que vejo que ela gosta de tricotar”. Entretanto, este desenho possibilitou acionar e dar visibilidade a esta habilidade para além de Ana, e sim também Teresa. Neste momento foi se percebendo que entre as mulheres iniciou um processo de reconhecimento mútuo. Ana, percebendo o processo de integração entre o grupo manifestou-se enaltecendo a proposta da estagiária e a possibilidade de melhor conhecer suas colegas.

Ana, enalteceu a atividade verbalizando “Que bom você percebeu que gosto de tricotar, posso te ensinar quando quiser e você pode me ajudar no crochê, pois não tenho habilidade com crochê. Nesta fala iniciou-se uma aproximação entre as participantes através dos trabalhos manuais, pois uma ajudando a outra automaticamente incitando um vínculo.

Ao final da atividade a estagiária trouxe trechos reflexivos sobre vínculos, para o grupo melhor compreender o significado de união e identificação entre os integrantes. O fragmento abaixo expressa uma das verbalizações após a reflexão realizada.

“Achei muito bonito este trecho que peguei sobre que fala sobre ser empático é ver o mundo com os olhos do outro e não ver nosso mundo refletindo nos olhos dele, isso me faz pensar como podemos nos unir mais dentro do grupo e ser uma família de mulheres”(TERESA).

Através da convivência no grupo, as mulheres passaram a dividir seus momentos. Momentos considerados de diferentes sabores, natural de qualquer processo de grupo. O grupo de alguma forma tentava achar caminhos para minimizar essas dificuldades e transformá-las em desafios através de seus aprendizados coletivos e baseados no convívio.

Constou-se pontos positivos, na atuação com a assistente social e estagiária, surgindo falas livres e mais suaves das participantes, que muitas vezes, elas não falavam no início do grupo, por não ter “clima” ou não acharem importantes. No tocante a estagiária, a atividade proporcionou o exercício da captação de e análise de informações, aprimorando também a capacidade de coordenar grupos, de desenvolver a escuta de forma qualificadas, vivenciar a prática dos princípios do código de ética profissional abrindo em espaço de qualificação de habilidades enquanto assistente social em formação.

Desta forma, é importante destacar que foi de suma grande e importante para

o grupo estas atividades propostas, pois a partir dela emergiram afinidades e características semelhantes. Isto facilitou o processo de compartilhamento de experiências e ideias e de reflexão sobre a realidade da convivência no grupo e da vida de cada participante.

O trabalho com o grupo também proporcionou mudanças nas participantes, tanto no físico quanto no psicológico, visível a cada encontro. Um gesto de carinho, um diálogo mais prolongado, uma maquiagem mais perceptível, uma verbalização de história de vida, fatos todos percebidos conforme as mulheres foram se sentindo mais a vontade. Esses detalhes se deram a partir da convivência e criação de vínculo no grupo. O grupo proporcionou mudanças na vida das mulheres, para que se sentissem mais fortes individualmente e unidas no grupo.

Diante dos relatos aqui trabalhados, pode-se afirmar que estes são inferências que demonstram que confirmação da hipótese proposta e analisada. Reforça-se que o desenvolvimento do trabalho com as mulheres contribuiu também para sua autonomia, reconhecimento e participação no grupo. Igualmente, para além, do grupo infere-se pelas verbalizações que houve contribuições para o convívio de seus lares.

CAPÍTULO IV: A Instrumentalidade do Serviço Social

No âmbito da intervenção profissional, o estágio obrigatório curricular de Serviço Social visou produzir mudanças necessárias no cotidiano da vida social das participantes do grupo. Assim, através da competência técnico-operativa que a assistente social e a estagiária encontraram resultados da capacidade criativa e da compreensão da realidade social. Para que a intervenção fosse realizada com eficácia, investiu-se na integração do grupo e, para tal optou-se em demonstrar a terceira hipótese com base na vivência do exercício profissional usando o instrumento entrevista.

Nesse sentido, a hipótese levantada consiste em: “As integrantes do grupo demonstravam dificuldade na inserção de novas integrantes, pois às diferenças sociais, culturais, econômicas criavam barreiras. Sempre que havia a possibilidade de ingresso de uma nova participante, a estagiária buscou trabalhar fazendo **entrevista individual** para entender essas diferenças”.

Desta forma, a entrevista individual foi comumente utilizada no âmbito de investigação como uma técnica que possibilitou a estagiária operar a coleta de dados

e, conseqüentemente, aprofundar-se na realidade investigada. Foi compreendida como instrumento mediador no processo do conhecimento, possibilitou que a estagiária se aproximasse da realidade vividas pelas participantes do grupo, superando a aparência dos fenômenos e adquirindo maiores possibilidades interativas diante das dificuldades apresentadas nas inserções de novas integrantes.

A respeito em relação a entrevista com as participantes do grupo, é importante destacar que segundo Cardoso (2008, p.34), define a entrevista como:

Um instrumento de uso cotidiano para muitos profissionais, é imprescindível aos que lidam diretamente com os usuários. Sua importância está em permitir aos assistentes sociais o conhecimento da realidade, sob a ótica da história de vida de alguém que deseja e necessita viver condições melhores, mais dignas, e que as informações e recursos não estão disponíveis para um acesso autônomo. Considerando as suas potencialidades, constitui-se numa importante mediação profissional, na medida em que possibilita ao profissional direcionar o seu acervo de conhecimentos em favor das demandas dos usuários, contribuindo para o acesso aos seus direitos e para estimular processos de reflexão, de organização e mobilização sociopolítica(CARDOSO, 2008, p. 34).

Com esse entendimento foram planejadas e realizadas as entrevistas as quais terão seus fragmentos demonstrados na sequência. Para a realização da entrevista foi realizado um questionário com quatro perguntas abertas, para que as participantes pudessem ficar à vontade e, assim, constituir-se numa possibilidade de fomentar a convivência entre o grupo e a estagiária. Com isso, a entrevista possibilitou um movimento de aproximação com as participantes e estagiária desencadeando um processo reflexivo diante das questões que lhes eram apresentadas.

Segundo Miotto (2009, p. 503), destaca que:

O processo reflexivo, característico das ações socioeducativas, se desenvolve no percurso que o profissional faz com os usuários para buscar respostas para suas necessidades, imediatas ou não. Pauta-se no princípio de que as demandas que chegam aos grupos, trazidas por indivíduo ou famílias são reveladoras de processos de sujeição à exploração, de desigualdades nas suas mais variadas expressões ou de toda sorte de iniquidades sociais.

Considerando esta reflexão, vale destacar que a entrevista antecedeu muitos sentimentos que permaneceu durante o desenvolvimento da mesma. Sentimentos que exprimiu as condições de vida das participantes e, ao mesmo tempo, suas expectativas em relação ao grupo. É comum criarem expectativas sobre o que lhes iria ser perguntado, como deveriam portar-se, se teriam respostas para as suas

necessidades subjetivas. O fato é que, em geral, elas se chegavam apreensivas, e os sentimentos que se manifestaram na entrevista foi trabalhado pela estagiária. Evidentemente, dentro dos limites de sua competência de estudante.

Assim, para transmitir maior segurança às participantes, a estagiária mencionou o Código de Ética Profissional falando sucintamente sobre sigilo uma vez que estava ocorrendo entrevista e as participantes estavam se expondo em grupo. Da mesma forma, a estagiária explicou ser um dos deveres profissionais proteger o usuário em relação às informações passadas verbalizada. Com isso, esta postura, ajudou a evitar a suas apreensões ao que poderia ou não falar à estagiária, bem como de que maneira as informações seriam utilizadas para fins de relatórios e estudos durante a formação acadêmica. Ou seja, se não fosse explicado, as usuárias ficariam com receio. Além disso, corria-se o risco de travar o diálogo e coletar informações parcialmente.

A estagiária leu sucintamente o princípio do código de ética profissional demonstrando para as integrantes do grupo o dever da estagiária para com o sigilo durante a entrevista: Constitui direito do estagiário manter o sigilo profissional. O sigilo protege você em tudo aquilo que eu tome conhecimento, como decorrência do exercício da atividade profissional, quero dizer tudo que falamos aqui fica aqui não posso falar para ninguém o que conversamos.

A participante, Elizete verbalizou: “acho que isso muito bom, pois assim podemos conversar tranquilamente sem ninguém ficar sabendo o que se passa na nossa conversa”. Assim pode-se notar uma tranquilidade na entrevista realizada, foi visto que a participante se sentiu à vontade com as perguntas nas suas respostas (Trecho extraído do Diário de Campo 06/07/2015).

Desta forma iniciou-se as entrevistas. Inicialmente indagou-se:

I - Como você se considera participante do grupo? É a primeira vez que você é entrevistada?

Das perguntas ouviu-se “Me sinto muito bem, alegre e muito acolhida no grupo, já fiz outras entrevistas, mas nunca tinham me dito que tem sigilo (BERNADETE).

Outra integrante verbalizou: “Me considero uma pessoa importante no grupo, porque assim formamos uma equipe maravilhosa, gosto, pois, me sinto muito bem quando estou no grupo” (MARIA).

Já Angela mencionou “Eu me sinto uma peça fundamental neste grupo me sinto

como se estivesse em casa, aqui posso contar minhas alegrias e tristezas que sei não vai sair daqui”.

As entrevistas iam evidenciando aproximação entre ambos, pois a cada pergunta realizada, ficava nítida a confiança em falar e demonstrar o que cada uma estava sentindo, que permitia responder com tranquilidade.

Na sequência, foi perguntado como se sente nas tardes de quintas-feiras? (dia em que o grupo se reunia) Holanda verbalizou: “Me sinto participativa e colaboradora com o grupo, me sinto importante e é um lugar onde posso encontrar minhas vizinhas e amigas, adoro fazer coisas boas para compartilhar com minhas amigas, é um lugar onde posso dividir minhas tristezas e minhas conquistas”.

Celia expressou: “Gosto do nosso trabalho, dos encontros da nossa amizade que foi formada aqui no grupo, agora sempre quando posso visito minhas amigas que fiz aqui”.

Da mesma forma Marisa se expressou da seguinte forma “eu me sinto muito feliz nas tardes de quintas com minhas amigas aprendo receitas e chás novos que faço em casa e divido com as minhas vizinhas me sinto útil”.

Estes relatos demonstraram como foi possível construir uma relação mais próxima entre as participantes do grupo, desenvolvido seus vínculos e a confiança. Por serem residentes do mesmo bairro, o processo grupal continuou a ser realizado para além do grupo no ambiente comunitário. Passaram a trocar saberes se ajudarem com mais frequência e espontaneidade.

II - Na sequência foi perguntado as participantes o que mais gostam no grupo?

Ana “Gosto de nosso trabalho e saio de casa sabendo que vou me encontrar com minhas amigas, os artesanatos estão me fazendo muito bem”.

Beatriz “Gosto de me encontrar com as pessoas, onde posso dividir o que sei fazer e aprender com isso me sinto muito importante dividindo experiências com o grupo”.

Márcia “O que mais gosto no grupo é bater papo com as amigas e trocar aprendizados com elas sobre comidas e contar minhas novidades da semana”.

Nestes trechos podemos concluir que as participantes sentem-se pertencente ao grupo criando assim uma convivência social, pois inicialmente tinham dificuldades em expressar-se e se comunicarem no grupo. Sendo assim a hipótese se confirma e

põe em evidência a importância da reflexão dentro do grupo, pois traz questões nunca foram discutidas dentro da realidade das mesmas, pois tinham dificuldade em entrosamento com as novas participantes do grupo, com as entrevistas ficou mais harmonioso a convivência entre elas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito deste trabalho de conclusão de curso, foi analisar a vivência e o aprendizado que a estagiária de Serviço Social, durante o período de um ano e seis meses. A experiência de estágio curricular obrigatório, ocorreu na Associação de Moradores Polo Comunitário Menino Deus de Santa Cruz do Sul – RS, onde foi possível obter um acerto com o processo grupal, importante instrumento do serviço social.

Assim, através dos níveis I, II, III e IV de estágio a estagiária conseguiu observar, planejar, executar e avaliar um projeto de intervenção destinado a Associação. O projeto teve como objetivo geral analisar o trabalho da estagiária na condução do grupo feminino de convivência, de forma a compreender o processo de ampliação e resistência na adesão de novos participantes. Com isso, permitindo a contribuição da estagiária na análise de reconhecimento como grupo por meio do diálogo, entrevistas e a ampliação do grupo.

O problema de pesquisa apresentado neste relevante trabalho foi: Quais foram às dificuldades encontradas pela estagiária para a constituição do grupo de convivência das mulheres no bairro Menino Deus no período de agosto de 2013 a junho de 2015? Considera-se que a resposta a esse problema está na análise das hipóteses criadas para esse fim, se confirmam que a estagiária esteve inserida no grupo do feminino da Associação de Moradores Polo Comunitário Menino Deus de Santa Cruz do Sul-RS no seu planejamento e na sua intervenção dentro do grupo.

Sobre isso, vale explicitar que o processo grupal se deu através de oficinas de artesanato, reuniões sobre auto-estima, com o objetivo de abrir as resistências criadas na inserção de novos participantes e consolidar a convivência social entre as mesmas. Ou seja, tornou-se uma experiência única e especial participar junto ao grupo, sendo a primeira vez que trabalharam com uma estagiária diretamente no mesmo, esse espaço oportunizou pensar e analisar o exercício profissional enquanto mediador de um processo grupal, através do planejamento, da escuta, do diálogo, da participação e da avaliação.

Considera-se de suma importância a prática do estágio curricular obrigatório para o entendimento de que os estudos teórico-metodológicos, ético-político e técnicooperativo são inseparáveis. O estudo realizado aqui determina a relevância do comprometimento profissional para o enfrentamento das metodologias do processo

grupal, objeto de trabalho do assistente social. “Quem caminha sozinho pode até chegar mais rápido, mas aquele que vai acompanhado, com certeza vai mais longe” (LISPECTOR, 1977, p.31).

REFERÊNCIAS

- ABESS/CEDEPSS. Caderno ABESS n. 07. **Caderno Especial: Formação Profissional: trajetórias e desafios.** Cortez, São Paulo: p.12-18, 1996.
- BUENO, C. M. L. B; JOSÉ FILHO, M. **Piloto de fogão ou da pedagogia do sexismo.** In: SEMANA DE SERVIÇO SOCIAL DE FRANCA, UNESP, 14, junho de 2003. **Anais...** Franca, SP: UNESP, 2003. p. 193-206.
- BRASIL, Conselho Federal de Serviço Social. **Código de ética do/a assistente social.** Lei 8.662/93 de regulamentação da profissão. 10^a. ed. revista e atualizada. Brasília.p. 04, 2004.
- BARÓ, VILEIRINE, Reginaldo Miguel de Lima. **Os Instrumentais técnicos no Trabalho com Grupos.** In: LAVORATTI, Cleide; COSTA, Dorival. Instrumentais Técnicos- Operativos no Serviço social: Um debate necessário. Ponta Grossa: Estúdio Texto. Versão impressa, p.127 – 146,2016.
- BANNY, JONSON, J. B. **Vocabulário da Psicanálise Santos:** Martins Fontes, p.49, 1975.
- CARDOSO, Maria de Fátima Matos Cardoso. **Reflexões sobre instrumentais em Serviço Social:** observação sensível, entrevista, relatório, visitas e teorias de base no processo de intervenção social. São Paulo: LCTE, 2008.
- COOPER, D. R.; SCHINDLER, P. S. **Métodos de pesquisa em Administração.** 7 ed. Porto Alegre: Bookman, p.19-29,2003.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** São Paulo: Cortez, p.11, 1995.
- CRESS-SP **Conselho Regional de Serviço Social** 9^a Região, p. 24,2009.
- CALANZS, G. J., Saletti Filho, H. C., FRANÇA Junior, I., & Ayres, J. R. de C. M. **O conceito da vulnerabilidade.** In Experiências interdisciplinares em AIDS: interfaces de uma epidemia. Santa Maria, RS: Editora UFSM, p.38,2006.
- CURY, Augusto Jorge. **Inteligência Multifocal:** Análise da Construção dos Pensamentos e da Formação de Pensadores.8^o Ed. São Paulo: Cultrixa, p.12-90,2000.
- DANNA, Marilda Fernandes; Matos, Maria Amélia. **Aprendendo a observar.** Edicon, p.25,1986.
- GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. Petrópolis: Vozes, p.28-39, 2000.
- GODOY, A. S. **A pesquisa qualitativa e sua utilização em administração de empresas.** Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v. 35, n. 4, p.65-71,

jul./ago. 1995.

GOLDERBERG, M.: **De perto ninguém é normal**: estudos sobre corpo, sexualidade, gênero e desvio na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Record,1997.

GOMES, MASM. **As políticas públicas na área da saúde da criança**. Ciênc. saúde coletiva [online]. 2010, edição 1996, vol.15, n.2, pp. 33-45. ISSN 1413-8123.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, p.48-56,1999.

GIL Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3.ed. São Paulo: Atlas, p.64-70,2008.

HARWOOD, GARRY, **Análise de conteúdo temático-categorial:” uma proposta de sistematização”**, Revista de enfermagem da UERJ, 16(4), p.22.,2003.

LISPECTOR, Clarisse: **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympic) Editora, p.31, 1977.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, p 71-75, 1986.

MIOTO, R. C. T. **Processo de construção do espaço profissional do assistente social em contexto multiprofissional**: um estudo sobre o Serviço Social na estratégia saúde da família. Florianópolis: 2009, p Projeto de Pesquisa: UFSC/CNPq. Mimeo.

MINAYO, M.C de S. **O desafio do conhecimentos: Pesquisa Qualitativa em Saúde** São Paulo:12º edição ABRESCO ,p.13,2001.

MELLO FILHO, J. **Concepção psicossomática**: Visão atual. 5a ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro,1988. São Paulo: Cortez: Instituto de Estudos Especiais – PUC/SP,p.71-87-98, 2002.

MORI, M. E.; COELHO, V. L. D. Mulheres de corpo e alma: aspectos Biopsicossociais da Meia-Idade Feminina. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Brasília, n. 17, v. 2, p. 177-187, 2004.

PAUGAM, S. **O enfraquecimento e a ruptura dos vínculos sociais- Uma dimensão essencial do processo de desqualificação social**. In: SAWAIA, B. As artimanhas da exclusão - Análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Vozes, Cap. 4, p.34-88,2013.

PAUGAM, Serge.Le lienSocial.**Tradução livre de pesquisadores do NEPSAS PUC/SP**. Paris:PressesUniversitaires de France,versão traduzida, mimeo.p. 323-339, 2003.

PLANO NACIONAL DE POLÍTICAS DAS MULHERES: **Políticas para a Mulher**: relatório da Gestão 2007/2008 da Secretaria de Estado dos Direitos da Mulher e do

Conselho Nacional dos Direitos da Mulher. Brasília, 2008.

PEREIRA, M. **Psicologia Social dos Estereótipos**. São Paulo: EPU, p.284-285,2002.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de: **Variações sobre a Técnica de Gravador no Registro da Informação Viva**. 2 ed., São Paulo, CERU/FFLCH-USP, p.28-29,1987.

RIBEIRO, J. P. Gestalt Terapia: **O processo Grupal. Uma visão fenomenológica, da Teoria do Campo e Holística**. São Paulo: Ed. Summus, p.16-32,1994.

RIBEIRO, J. P. Psicoterapia grupo analítica. **Abordagem foukiana: teoria e técnica**. Petrópolis: Ed Vozes.do professor, p.76-81, 1981.

RIBEIRO, Elisa Antônia. **A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa**. Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais, Araxá/MG, n. 04, p.129-148, maio de 2008.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, p.31, 1999.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. Florianópolis, p.23-30. 2005.

SPOSATI, Adalgisa. **Concepção e gestão da proteção social não contributiva no Brasil**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, UNESCO, p.04 -12,2009.

SOARES, C.L.; TAFFAREL, C.N.Z.; VARJAL, E.; CASTELLANI FILHO, L.; ESCOBAR, M.O.; BRACHT, V. **Metodologia do ensino da educação** f. São Paulo, Cortez, 1996.

SOUSA, A. LUIZ: **Aspectos do Encaminhamento da Questão da Cientificidade da Psicanálise no Movimento Psicanalítico**. In: PACHECO FILHO, A.; ROSA, M. D. & COELHO Jr., N. (orgs.) *Ciência e Realidade na Psicanálise Contemporânea*. São Paulo: EDUC/Casa do Psicólogo, p. 205- 34,2008.

TRINDADE, Azoilda Loretto (org). **Africanidades brasileiras e educação**. Rio de Janeiro/Brasília: ACERP/TV Escola/MEC, p.1999.

TRINDADE, J. **Manual de psicologia jurídica para operadores do direito**. Porto Alegre: Advogado, 2004.

VITALLE, M. A. F. **Famílias monoparentais: indagações**. Serviço Social & Sociedade, São Paulo, ano 23, n.71, p.45-62, set. 2000.